



## **AS REFLEXÕES DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO FRENTE ÀS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E AO MODELO DE DESENVOLVIMENTO SOCIO-EDUCACIONAL BRASILEIRO**

Damião de Lima; Deborah Silva do Nascimento

Universidade Federal da Paraíba - UFPB, damlima@hotmail.com; Universidade Federal da Paraíba - UFPB, deborahnascimento@gmail.com

Resumo do artigo: Este artigo apresenta alguns resultados parciais, porém, relevantes do projeto PROLICEN intitulado *Diagnóstico inicial sobre o aluno do século XXI que frequenta a escola pública na Paraíba*. Seu objetivo é discutir a realidade escolar e o projeto educacional vigente, na perspectiva de formular um novo modelo educacional que seja realmente democrático e participativo. Por essa razão, trata-se de uma proposta apenas iniciada e que deverá servir, também, para integrar mais profissionais que desejem transformar o modelo educacional de maneira inclusiva. A metodologia proposta é, antes de tudo, renovadora, à medida que dará voz a um agente educacional ausente nas discussões, modelos e reformas no mundo escolar até então propostas. Partimos do princípio que não se transforma o modelo educacional com receitas autoritárias ou de gabinetes, propondo a mudança do micro para o macro. Destarte, na nossa concepção, toda transformação deverá ser iniciada na escola e deverá envolver todos os agentes educacionais, servidores técnicos administrativos, direção, professores e estudantes. Construído o projeto de escola, este deverá ser apresentado à comunidade e, com o aval desta, deverá tornar-se exemplo para outras escolas e comunidades do seu entorno. A escolha pelos discentes para iniciar o projeto se deve ao fato de considerarmos seu segmento como a razão maior da existência da educação e da escola, mas que também é frequentemente excluído na discussão sobre formulação de modelos educacionais. Nesse artigo, apresentamos algumas discussões, críticas e sugestões dos estudantes-participantes que consideramos como centrais no primeiro ano de desenvolvimento do projeto. Esperamos que as provocações lançadas pelos discentes da escola em que desenvolvemos a pesquisa inquietem estudiosos ou entusiastas de todas as áreas de ensino, administração e aprendizagem escolar, e que estes venham a contribuir na construção de um novo modelo educacional.

Palavras-chave: Condição discente, Modelo educacional, Educação democrática.

### **INTRODUÇÃO**

O desiderato deste artigo é divulgar alguns resultados parciais que consideramos importantes do Projeto PROLICEN<sup>1</sup> intitulado *Diagnóstico inicial sobre o aluno do século XXI que frequenta a escola pública na Paraíba*, durante a sua realização no ano de 2016. Esse projeto continua em andamento e faz parte de uma pesquisa mais ampla que pretende propor um modelo educacional pautado, também, na visão do estudante. Embora pareça óbvia essa necessidade de se escutar os discentes para a elaboração de projetos educacionais, esta não é uma prática comum em nosso país.

---

<sup>1</sup> O Programa de Licenciaturas - PROLICEN é um programa acadêmico da Pró-Reitoria de Graduação - PRG da Universidade Federal da Paraíba - UFPB que tem como objetivo estimular o desenvolvimento de ações visando a uma melhoria da qualidade dos cursos de licenciatura, contribuindo com a formação dos alunos da instituição e com a formação continuada dos professores da rede pública de ensino do Estado da Paraíba. (83) 3322.3222 contato@coprecis.com.br



Outro objetivo do projeto é ampliar a conexão entre a Universidade e a Escola Pública, vivenciando o cotidiano escolar e analisando essa realidade do ensino-aprendizagem sob o prisma dos discentes que frequentam a escola do século XXI. Discute-se muito a escola e sua relação com a Universidade, ou seja, a ponte entre o ensino básico e o ensino superior, entretanto, ambos permanecem como mundos distantes, com poucos canais interativos.

Pelo exposto, o projeto tem como metodologia central a chamada pesquisa-ação-intervenção. À medida que nos inserimos na escola e passamos a agir com colegas discentes, estamos influenciando-os a partir da nossa *práxis* e, ao mesmo tempo, sendo influenciados pela realidade vivenciada por eles na escola. Essas novas inquietações surgidas de tal interação retornam à universidade em busca de entendimentos, aprofundamentos e alternativas de convivência mais racionais e humanizadoras.

A nossa atividade no ano citado teve início com a discussão em torno da escolha da escola onde iríamos atuar. Feita essa decisão, passamos a discutir a metodologia preliminar que aplicaríamos, sempre na perspectiva de que poderíamos fazer mudanças de acordo com a realidade escolar encontrada, assim como a partir da recepção e interação com os discentes com quem iríamos estabelecer a parceria.

## **A ESCOLA, O COTIDIANO ESCOLAR E SUA DINÂMICA**

Após alguns entendimentos, escolhemos atuar na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Antônio Gomes, localizada no Bairro Mário Andreazza<sup>2</sup>, no município de Bayeux, que faz parte da região metropolitana de João Pessoa. Uma das razões para a escolha foi o retorno da bolsista à escola onde ela havia estudado, o que, de certa maneira, facilitava o acesso tanto àquele ambiente quanto aos alunos, já que todos vivem nas cercanias do estabelecimento. Outro fator foi a boa acolhida que a ideia do projeto teve por parte da direção da escola. Trata-se de uma instituição de porte médio, conforme quadro a seguir:

Dados sobre a EEEFM Professor Antônio Gomes<sup>3</sup>

<b>TURNO</b>	<b>NÍVEL</b>	<b>ESTUDANTES</b>	<b>SALAS</b>	<b>TOTAL/ALUNOS</b>
Manhã	Fundamental/médio	500		

<sup>2</sup> Embora o nome seja Mário Andreazza, o bairro é popularmente conhecido como Mutirão. Essa denominação está ligada a forma como o bairro surgiu e organizou-se em meados dos anos 1980.

<sup>3</sup> Os dados são referentes ao início do ano de 2016. Sendo assim, ainda não havia sido computado, pela escola, o índice de evasão estudantil, tendo em vista que esse dado só é gerado, pela gestão escolar, ao término de cada ano letivo.



Tarde	Médio	250	15	1250
Noite	Médio/EJA	500		

Fonte: Dados fornecidos pela secretaria da escola.

Como já apontado, a escola encontra-se em uma região periférica do município de Bayeux e nela estão matriculados os estudantes mais carentes da comunidade. Em conversa com os discentes, foi-nos afirmado, por eles, que seus pais ou familiares não possuem condições financeiras para custear a entrada deles na rede particular de ensino ou inseri-los nas escolas públicas da capital do Estado, onde, ainda segundo a percepção dos próprios alunos, o ensino seria “melhor”.

Nas nossas rodas de conversa<sup>4</sup>, discutimos o cotidiano dos discentes e sua realidade social. Nessa seara, confirmamos que, no campo econômico, podemos classificar os alunos como de baixa renda, e, no campo cultural, vinculados com a falta de estrutura econômica, ligam-se a um baixo capital cultural. Boa parte dos discentes que participaram do projeto são filhos de pais separados com pouca escolaridade ou analfabetos. Esses últimos aspectos dificultam a relação entre família e escola na medida em que os pais não se envolvem com a educação dos filhos. Ou seja, ou não convivem com estes ou “não alcançam”, segundo palavras de um jovem discente, o discurso que a escola tenta passar para eles, até pelo fato de muitos não possuírem educação formal.

Em síntese, concluímos que a ausência da comunidade de pais e mães na escola está vinculada também a esses fatores. Segundo os estudantes, a carência participativa dos pais é resultante da pouca formação escolar ou a carência dela. Esse é um problema ainda insolúvel que gera o questionamento: que discurso deve ser feito e de que maneira a ponto de envolver os pais com baixa escolaridade na educação dos filhos?

Ao analisarmos o perfil dos alunos, constatamos que, pelo fato de serem filhos de pais com baixa renda, uma parcela considerável, em especial do sexo masculino, se depara com a necessidade de ajudar no sustento da família e tenta conciliar o estudo com o trabalho. Ao enfrentarem essa situação, no antagonismo entre estudar e trabalhar, a opção pelos estudos acaba ficando em segundo plano. O cansaço físico e mental termina prevalecendo sobre a vontade de aprender<sup>5</sup>.

<sup>4</sup> Essa prática metodológica, as rodas de conversa, foi amplamente utilizada no nosso projeto. Em geral, apresentávamos um tema e debatíamos sobre ele de forma franca e aberta. Depois, sintetizávamos a discussão e repassávamos para avaliação e acréscimos por todos os envolvidos.

<sup>5</sup> Sobre essa relação dicotômica entre estudo e trabalho, ver ALVES, Nilda (Org.). *Formação de Professores: Pensar e Fazer*. São Paulo: Cortez, 2011.



Vejamos o relato de um discente: “[...] ele necessitou ir auxiliar seu tio na padaria do bairro e não conseguia se concentrar nas aulas, devido ao cansaço de horas de trabalho”. Nesse caso, a adolescente iniciava a jornada de trabalho às 3 da manhã. Outro discente afirmou que “[...] trabalhava como fretista<sup>6</sup> próximo ao mercado de sua casa e essa atividade era responsável pelo seu desânimo na escola e a consequente baixa no rendimento escolar”. Alguns estudantes, durante nossa experiência, pediram transferência para o turno da noite, sob alegação de que precisavam procurar ou tinham arranjado emprego.

No universo das discentes, outro problema enfrentado é a maternidade precoce, ocorrida durante o período em que estão cursando o ensino básico. Esse fator tem forte contribuição para o aumento do índice de evasão escolar e permuta de turno. Não sendo possível manter o ritmo de estudos, as discentes acabam sendo reprovadas ou abandonam a escola. Como consequência do baixo nível de escolaridade, não conseguem emprego ou ocupam cargos com baixa remuneração. Em síntese, essa relação dicotômica entre o reino do aprendizado e o reino da necessidade ainda não está resolvida na escola.

## **O PROJETO**

Apesar de enfrentarmos essas dificuldades, conseguimos, através do nosso projeto, envolver um grupo de discentes do primeiro ano<sup>7</sup> do Ensino Médio nas atividades pedagógicas ocorridas<sup>8</sup>. Realizamos encontros semanais, produzindo diálogos e trocando experiências, interligando problemáticas cotidianas com assuntos do interesse social, econômico e político. Os temas que discutíamos objetivavam o desenvolvimento do pensamento reflexivo e questionador do contexto social em que estávamos inseridos. Dentre as atividades desenvolvidas se destacaram as dinâmicas em grupo, as rodas de conversa, filmes, documentários e passeios educativos. Em todas as atividades, contamos com o apoio da direção da escola e de alguns docentes, o que foi fundamental para a realização do projeto.

O tema gerador da nossa experiência e principal indagação que todas as atividades objetivavam recolher dados para responder foi “O que o aluno de Ensino Médio pensa de sua

---

<sup>6</sup> Atividade encontrada frequentemente nas feiras livres de comunidades. O fretista acompanha as pessoas nas compras, junta as mercadorias adquiridas e as entrega na residência do seu contratante, utilizando, para isto, um balaio ou uma carroça de mão.

<sup>7</sup> A escolha por estudantes do primeiro ano do Ensino Médio não foi aleatória. Esses discentes estão passando do Ensino Fundamental para o Ensino Médio e essa transição significa também a reformulação do olhar sobre a escola e as futuras escolhas profissionais que terão de ser realizadas ao ciclo que se inicia. Por outro lado, uma parcela significativa dos estudantes muda de escola para realizar esse segundo ciclo e, conscientemente ou não, trazem, em si, expectativas relacionadas ao novo ambiente.

<sup>8</sup> O projeto foi apresentado em todas as salas do primeiro ano e a participação se deu de forma voluntária.  
(83) 3322.3222  
contato@coprecis.com.br



escola e quais suas propostas para torna-la melhor?”. A seguir, iremos elencar algumas questões ou soluções apresentadas pelos discentes e sintetizadas em nosso relatório<sup>9</sup>.

Sobre a relação entre aluno e universo escolar, ocorre um total estranhamento. Segundo relatos dos discentes, não existe nenhuma interação entre a administração escolar e os estudantes no sentido de escutá-los sobre seus anseios e as suas opiniões sobre qualquer assunto de interesse individual ou coletivo.

Constatamos que assuntos relacionados ao funcionamento da escola não são levados à discussão com os discentes: o que eles esperam da escola, como a esta pode contribuir para realização dos seus sonhos e até mesmo a relação entre o ambiente escolar e o mundo do trabalho ou a inserção da instituição de ensino e seu papel na comunidade nunca haviam sido abordados até a nossa chegada ao campo de pesquisa, bem como não haviam sido tratados nas escolas de onde os participantes eram oriundos. De acordo com um depoimento, “[...] perguntas ou diálogos sobre o que eles pensam do futuro nunca existiram nas quatro paredes que compõe a sala de aula”.

As críticas ou sugestões se estenderam, assim como a padronização e normatização de comportamentos: “Na escola a relação se resume as cobranças das avaliações dos conteúdos ministrados privilegiando a memorização e a busca de bom comportamento que significa não falar e não atrapalhar a aula dos professores”.

No tocante ao interesse dos alunos, ficou patente, segundo o próprio relato deles, que todos os participantes do projeto têm interesse em aprender e almejam uma melhor colocação no mercado de trabalho a partir da aquisição do conhecimento. Entretanto, essa discussão, quando aparece na escola, é na forma de desestímulo, segundo alguns relatos: “Alguns professores chegam a desestimular estudantes”.

Outra questão relacionada ao pós-Ensino Médio, e que a escola não aborda, é a dúvida sobre os caminhos a seguir. Os participantes afirmaram conhecer poucas profissões fora do universo da comunidade e ficaram muito surpresos quando elencamos os diversos cursos existentes na Universidade Federal da Paraíba. O passeio educativo que realizamos com eles para as dependências da UFPB foi encantador e, como denominaram os participantes, uma “aventura”. Eles se deslumbraram com a possibilidade de poder voltar àquela instituição como discentes e fazer parte daquele universo tão próximo e desconhecido, que parecia, para alguns, até aquele momento, inalcançável.

---

<sup>9</sup> Relatório do PROLICEN intitulado *Diagnóstico inicial sobre o aluno do século XXI que frequenta a escola pública na Paraíba*. Disponível na Pró-Reitoria de Graduação - PRG da Universidade Federal da Paraíba - UFPB. João Pessoa: PRG/UFPB, 2016.



Alguns relatos nos fizeram refletir e inverter o polo da questão. Não é o estudante que está desinteressado pela escola, discurso muito comum entre os agentes educacionais, sejam eles servidores técnicos e ou professores, é a escola que está desinteressada pelos estudantes. Em uma atividade em que abordamos o papel da escola na vida, tivemos como síntese a seguinte afirmativa: “Vemos a escola como base para o futuro, através dela que conquistaremos nossos objetivos e sonhos. Podemos sonhar com um mundo melhor, com uma boa condição financeira, ou um emprego dos sonhos. É isso que buscamos quando vamos para a escola”.

O nó górdio da discussão foi a questão do processo de ensino-aprendizagem. Ficou evidente o distanciamento entre as práticas levadas a cabo pelos professores e professoras e os anseios dos estudantes. Poderíamos elencar aqui inúmeros problemas apresentados, entretanto, vamos colocar os que consideramos, na avaliação dos participantes do projeto, como centrais.

A primeira grande queixa é no distanciamento entre professores e estudantes. Segundo relatos, “os professores não interagem com seus alunos a não ser sobre questões relativas à matéria que ele leciona. Alguns professores parecem robôs”. Essa falta de interação entre os agentes educacionais tem causado muitos conflitos que, em algumas escolas (não é o caso desta onde desenvolvemos o projeto), descambam para a agressão verbal e, às vezes, física, deixando o ambiente educacional insuportável para todos.

Outra reclamação ou sugestão frequente foi a falta de explicação ou de relação entre o conhecimento que se ensina na sala de aula e sua aplicabilidade na prática. No geral, não é feita a relação entre o que é ensinado e onde esse conhecimento pode ser aplicado, na prática. Segundo relatos, a única justificativa dos professores para que os alunos prestem a atenção às suas aulas é que o assunto será abordado no Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM. Segundo os estudantes, isso não é suficiente. Até pelo fato de que, pelas questões discutidas, especialmente a necessidade de se trabalhar mais cedo, muitos deles e delas não irão fazer o ENEM e alguns, segundo eles, têm grande probabilidade de não passar. Então, o que eles aprenderam fica sem sentido.

Quando fizemos algumas relações entre os conhecimentos que a escola oferta e sua aplicabilidade na prática, os estudantes ficaram extremamente interessados. A relação teoria e prática é, sem dúvida, uma lacuna da nossa escola contemporânea. Sempre se aborda a prática com algo distante, fora da escola ou em laboratórios. Entretanto, experiências cotidianas e com o que qualquer escola dispõe pode tornar o





processo de ensino-aprendizagem muito interessante, como conseguimos comprovar com nossa experiência<sup>10</sup>.

As aulas são ancoradas em projetos determinados pelas secretarias de educação e o principal recurso didático continua sendo o livro didático e o quadro negro. As exigências relativas a utilização de temas transversais não tem resultado em grandes inovações. No entanto, não vamos adentrar nessa seara, esse tema será tratado em outra oportunidade. A grande maioria das aulas continua sendo mesmo expositivas, sem nenhuma inovação e totalmente desmotivadoras.

É interessante que os alunos percebem a importância da escola e não a das aulas. Segundo relato de um deles, “Os discentes ficam na expectativa de findar os minutos das aulas e se reunir com os colegas nos corredores da escola, uma vez que, os assuntos são mais interessantes fora da sala de aula”. Percebe-se, com essa afirmativa, que se faz necessária uma mudança também no modelo de aulas. Esse cenário não é diferente nos cursos de licenciatura da universidade.

Ao interpelarmos, em uma atividade do projeto, sobre as atitudes deles em relação a essa necessidade das aulas se tornarem mais interessante, novamente apareceu a problemática da distância entre docente discente aliada à relação de poder existente nesse contato. Na síntese dessa atividade, apareceu a seguinte afirmativa: “Não nos sentimos à vontade em reivindicar o aperfeiçoamento das aulas diretamente com o professor, não há espaço para sermos escutados, pois, o ensino se regimenta num modelo hierárquico, onde o professor é o detentor do poder e das decisões dentro da sala de aula, em razão disso a ideia ou sugestão do aluno se torna inócua”.

Finalizando, abordamos a questão física ou estrutural da escola na busca de sugestões, também nesse campo. As conclusões também são surpreendentes: os alunos não gostam de a escola ser suja e malcuidada. Foi quase unânime a ideia de que se fazem necessárias mais disciplina e organização na escola, que os espaços precisam ser melhor aproveitados e que falta incentivo e divulgação dos recursos materiais que a escola dispõe para o uso dos estudantes. Ainda apareceu a questão do conflito entre os servidores técnicos e os discentes. Em uma das atividades sobre essa relação, ficou o seguinte relato: “A estrutura da escola poderia ser melhor, mas, não adiantaria uma estrutura melhor se os funcionários são como são”.

---

<sup>10</sup> Sobre algumas experiências básicas relacionando teoria e prática, ver o relatório do PROLICEN anteriormente mencionado que serve de base para este artigo.



## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Utilizamos o termo “Algumas Considerações” em virtude desse projeto ainda estar longe de ser concluído, conforme exposto, tratando-se de uma proposta ambiciosa à medida que visa contribuir com a formulação de um novo modelo educacional, pautado na democratização da escola. Esse novo modelo deve envolver todos os agentes educacionais bem como os beneficiários diretos e indiretos do saber produzido na escola.

Destarte, esse artigo apresentou algumas questões levantadas em nossa experiência em uma escola estadual durante o ano letivo de 2016 e, apesar de termos apenas resultados parciais, conforme apresentamos, trouxemos questões e inquietações que já merecem ser analisados por todos os que atuam no campo educacional. Particularmente, defendemos que qualquer modelo a ser proposto visando tirar a escola dessa encruzilhada em que ela se encontra passa, necessariamente, por mais democracia. E não existe democracia se no processo de discussão e elaboração de políticas algum setor for alijado. Parafraçando o discurso do antropólogo e escritor Darcy Ribeiro (1922-1997), ou temos democracia para todos, ou não temos democracia para ninguém. Em nosso estudo, durante o transcorrer das leituras antes da elaboração do projeto e em nossa experiência prática, ficou claro que, no sistema educacional atual, os discentes, um segmento importante e central para a existência do processo de ensino-aprendizagem, infelizmente continua ausente da discussão e da elaboração das políticas educacionais.

A escola é feita para que, na interação entre seus agentes, os conhecimentos sejam apropriados e novas ideias sejam geradas. Então, é imprescindível que todos os agentes se sintam à vontade e sejam incentivados a dar sua contribuição na construção de outros conhecimentos capazes de transformar a realidade. Essa é a base da nossa atuação, como membros desse projeto, como estudantes e professores e, principalmente, como cidadãos e cidadãs desse fantástico país denominado de Brasil.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALGEBAILLE, Eveline. *Escola pública e pobreza no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, Faperj, 2009.

ALVES, Marcedonia Oliveira (Org.). *Construindo Saberes: práticas pedagógicas em sala de aula*. João Pessoa: JRC, 2010.





ALVES, Nilda (org.). *Formação de Professores: pensar e fazer*. São Paulo: Cortez, 2011.

ALVES, Rubem. *A alegria de ensinar*. Campinas - SP: Papirus, 2012.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (Orgs.). *Pierre Bourdieu: escritos de educação*. 14ª ed. Petrópolis - RJ: Vozes. 2013.

CESGRANRIO, Fundação. *Avaliação e Políticas Públicas em Educação*. Volume 22. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2014.

GHIRALDELLI JUNIOR, Geraldo. *História da Educação Brasileira*. São Paulo: Cortez, 2009.

HOFFMANN, Jussara. *Avaliar: respeitar primeiro, educar depois*. Porto Alegre: Mediação, 2013.

KARNAL, Leandro (Org.). *História na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2013.

LIMA, Damião de. *Democratização do ensino e nova realidade docente*. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História. Natal: 2013.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; FILHO, Luciano Mendes Faria; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

PACHECO, José; PACHECO, Maria de Fátima. *Diálogos com a escola da ponte*. Petrópolis - RJ: Vozes, 2014.

PIMENTA, Selma G.; LIMA, Maria Socorro L. *Estágio e docência*. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PINSKY, Jaime. *Por que gostamos de história*. São Paulo: Contexto, 2013.

PRAIS, Maria de Lourdes Melo. *Administração Colegiada na Escola Pública*. São Paulo: Papirus, 1996.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

RODRIGUES JÚNIOR, José Florêncio. *Como administrar a sala de aula – fundamentos e prática*. Petrópolis - RJ: Vozes. 2012.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da educação no Brasil*. 31ª ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2013.

SAVIANI, Demerval. *Educação Brasileira: estrutura e sistema*. São Paulo: Cortez, 1996.



\_\_\_\_\_. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. 4ª ed. Campinas - SP: Autores Associados, 2013.

SELBACH, Simone (supervisão geral). *História e didática*. Petrópolis - RJ: Vozes. 2013.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. *Infância, escola e pobreza: ficção e realidade*. Campinas - SP: Autores Associados, 2002.

VIANA, Fabiana da Silva et al. (Orgs.). *A qualidade da Escola pública no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

ZABALA, Antoni. *A Prática educativa: como ensinar*; Trad. Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

### **Documentários**

ÚLTIMAS conversas. Direção: Eduardo Coutinho. Produção: Eduardo Coutinho; Videofilmes. Rio de Janeiro: Videofilmes, 2015. 87 min. Son, Color.

CAFÉ filosófico. Palestrante: Viviane Mosé. Curadoria: Viviane Mosé. Apresentação: Daniela Wahba; Germano Melo. Coprodução: Instituto CPFL - CPFL Cultura, TV Cultura, BossaNovaFilms, Campinas - SP, 2010.

RELATÓRIO PROLICEN Diagnóstico inicial sobre o aluno do século XXI que frequenta a escola pública na Paraíba. Disponível na Pró-Reitoria de Graduação da UFPB. João Pessoa: PRG/UFPB, 2016.